RELAÇÃO ENTRE EXEGESE E EXEGETA

RELATIONSHIP BETWEEN EXEGESIS AND EXEGETE

José Ancelmo Santos Dantas¹

Resumo: O presente trabalho procura relacionar de maneira reflexiva, prática e concreta a relação entre a exegese e o exegeta. É sabido que durante muitos séculos, as Sagradas Escrituras foram, lamentavelmente, usadas sob o aspecto da conveniência eclesial e, em algumas situações até ideológicas também. Por um lado, isso possibilitou o crescimento de tradições devocionais e piedosas, e, por outro, permitiu que as escrituras ficassem engessadas e empobrecidas. Graças à luz de alguns documentos da Igreja, a Palavra de Deus contida nas escrituras, pôde chegar até as mãos dos fiéis, possibilitando a maturidade de sua fé e seu crescimento pessoal. Para isso, faz-se necessária a leitura reflexiva em questão.

Palavras-chave: Exegese. Exegeta. Igreja. Bíblia. Sagradas Escrituras.

Abstract: The present work tries to relate in a reflexive, practical and concrete way the relation between the exegesis and the exegete. It is well known that for many centuries the Holy Scriptures were, unfortunately, used under the aspect of ecclesial convenience and in some situations even ideological. This enabled the growth of devotional and pious traditions, while the scriptures were ingrained and impoverished. It was only in the light of some documents of the Church that I emphasize the importance of the *Dei Verbum* that the Word of God contained in the scriptures can reach the hands of the faithful, thus enabling the maturity of their faith and their personal growth. This scheme will be more used as we can understand the relationship between exegesis and exegete.

Keywords: Exegesis. Exegete. Church. Bible. Holy Scriptures.

1. Introdução

Quando cita-se que “a alma da Teologia é a Sagrada Escritura” (*Dei Verbum*, p.36), pode-se exemplificar que juntamente com o magistério e a tradição encontra-se a base da fé cristã, mas ainda se pode mencionar que é dela que provém os ensinamentos deixados pelos sagrados hagiógrafos, pois, de acordo com a necessidade das comunidades, sabe-se que sem ela nenhuma reflexão se sustenta.

A Igreja, através do Magistério, é a intérprete autêntica dos textos sagrados. Porém, a quem compete fomentar na comunidade eclesial a reflexão teológico-bíblica? Parece ser tarefa dos exegetas, enquanto que teólogos, ao se depararem com os textos

¹ Graduado em Teologia pela Faculdade Paulo IV. Pós-graduado em Sagradas Escrituras pelo Centro Universitário Claretiano. Mestrando em Pentateuco pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: ancelfmodantas@gmail.com

bíblicos, devem entendê-los, sistematizá-los e atualizá-los para a comunidade dos crentes.

A razão de ser do exegeta consiste na condução madura e livre, coesa e objetiva em abstrair dos textos o seu real e profundo significado, sem com isto, negar o patrimônio da fé.

A exegese, por sua vez, consiste na bonita arte de ser para o exegeta, o que os óculos são para os olhos, isto é, canal, instrumento, ponte de entendimento e saída, entre o texto, o leitor e o hoje daquele que lê. Tudo isso, por meio de critérios literários e históricos, tentando-se captar sempre a origem primeira e o significado preciso do enunciado em questão.

Se o leitor, tendo entrado nesta simples aventura, captar o que se propõe no presente artigo, pode-se ratificar que a reflexão fez-se entender.

2. Desenvolvimento

A palavra exegese, se pensada no âmbito da teologia, possui etimologia grega e significa: “fazer sair” (MONLOUBOU; BUIT, 1997, p. 272), sendo assim, a partir do pressuposto que todo texto quer ser entendido, deve-se recorrer a ele primeiramente encaminhando-se ao seu nascimento, isto é, ao seu contexto, afim de conhecer melhor a conjuntura que o levou a ser como é. E para isso, deve-se usar métodos exegéticos, pois através deles toca-se a seiva do texto, enquanto a realidade escrita é colocada no papiro para seus ouvintes e leitores.

Observe-se o conceito funcional que é atribuído, para a exegese no livro: *O Milagre*, cuja autoria é de Dom Terra (1981, p. 50):

A função da exegese é precisamente abrir-nos acesso à compreensão do relato bíblico, usando métodos de análise literária e crítica da Sagrada Escritura. O Método morfocrítico nos permite sondar a pré-história dos textos, acompanhando a formação de suas diferentes unidades literárias, dentro de seus respectivos contextos vitais, na vivência da fé da comunidade primitiva. O método da história das redações visa prolongar os estudos da história das formas, procurando determinar quais foram as perspectivas peculiares de cada autor.

Pode-se perceber que a exegese é fundamental no que se diz respeito ao entendimento e à compreensão dos textos bíblicos, para isso, faz-se necessário aderir a um ou mais métodos exegéticos. Por exemplo: método histórico-crítico, análise

narrativa, método estruturalista, método sincrônico, etc. Contudo, nenhum deles deve ser levado em absoluto extremo, pois para melhor compreensão da mensagem é mais útil o equilíbrio no manuseio dos mesmos.

O mau uso deste pode fazer o exegeta cair, de um lado, na penumbra do fundamentalismo e, do outro, no estreito devocionismo, que gera sincretismo e má formação cristã. Por isso, urge a necessidade de se aderir, adequadamente, em nossas comunidades bons exegetas e que estes sejam capazes de adotar a bons métodos. Lembrando-se sempre que antes de ser um mero intelectual das ciências teológicas (exegéticas), é primeiramente um cristão e, no dia a dia da comunidade, um catequista.

Porém a exegese não é prioritariamente *hermenêutica*², mas está intrinsecamente a ela ligada, inclusive, constantemente usa suas ferramentas para levar a termo a sua efetiva condição no espaço literário. Fazer hermenêutica bíblica é em outras palavras descrever como fez Lara (2009, p. 32) em sua obra: “É tentar validar e fundamentar racional e rigorosamente os critérios de uma adequada e eficiente metodologia de análise e interpretação da Bíblia”. Há quem diga que na história, a Igreja católica priorizou alguns instrumentos hermenêuticos para atingir o texto, enquanto a reforma protestante deu primazia a outros.

Indubitavelmente tem se afirmado que os textos bíblicos podem ser lidos, a partir desses distintos horizontes, porém, entre outras coisas, também como no campo científico se exige lealdade, e ainda que seja de “modo diacrônico (leitura que disseca o texto), ou de modo sincrônico (modo de leitura que relaciona os textos),” (ARENS, 2007, p.331) faz-se necessário entender que o texto não deve morrer nas considerações pré-históricas da sua existência, nem tampouco na coroação inocente e piedosa ao ser

² Palavra que etimologicamente provém do grego e significa interpretar. É a doutrina ou o método de interpretação que dita às regras gerais ou particulares a serem aplicadas na busca e na determinação no sentido literal da sagrada escritura. Há duas categorias de princípios de hermenêutica: Os princípios gerais e os princípios cristãos. No primeiro caso, tenta determinar por meio de instrumentos diversos o sentido que o autor quis dar as suas palavras; levando em conta o ambiente literário e histórico no qual foi desenvolvido o texto. Já no segundo princípio, o objetivo foca em conhecer na matéria de fé e moral o sentido que a Igreja dá a determinados textos. Aqui a Igreja pode determinar um verdadeiro sentido de um lugar bíblico, seja de modo direto ou indireto. A hermenêutica utiliza-se de vias outras como: sentido literal (aquele que o autor humano e divino quis exprimir); a tipologia (muito presente em toda a doutrina dos padres da Igreja, cuja estruturação textual era fazer os cristãos ver o antigo testamento como pedagogia e prefiguração do novo); o alegorismo (a arte de transpor simbolicamente o conteúdo verbal para um sentido totalmente diferente do que queria exprimir o autor); o sentido pleno (muito idêntico ao sentido alegórico, significa que a plenitude de um determinado texto decorre não de um estudo estritamente exegético dele como o autor, sob inspiração de Deus, o escreveu, mas de uma luz que vem de alhures, de textos inspirados que formulam o mesmo pensamento de modo mais rico, ou de uma penetração mais profunda da tradição eclesiástica no conteúdo do texto antigo). (BORN, 1977. p. 184-5).

interpretado. O melhor caminho, talvez, seja, como nos propõe a perícopé citada por Dom Terra (1981, p. 51-2): “Necessário é não somente examinar os textos, mas reexaminar os dados em função da elaboração de uma estrutura do relato, deixando aberta a leitura a uma interpretação hermenêutica sempre atual para o homem de hoje”.

Parafraseadamente, Joseph Ratzinger (2007, p. 13-4) no prefácio de seu livro *Jesus de Nazaré*, aborda que o método histórico-crítico permanece irrenunciável a partir da estrutura da fé cristã. Porém, é necessário levar em consideração que este método constitui uma dimensão fundamental explicativa, mas não esgota a tarefa da elucidação em si mesma nos escritos bíblicos, além do mais, deve-se cuidar para não apenas entender a palavra no seu passado, se não interpretá-la para o hoje da pessoa que lê.

O que implica que a exegese não é necessariamente obrigada a perder-se na hermenêutica, mas, dever-se-á conter uma atitude de abertura ao hoje da pessoa que lê o texto, e, portanto, uma passagem para a própria hermenêutica. Assim, um fator bipolar deve ser resultado destes dois elementos que se dão as mãos ao trabalhar de modo próprio o texto: “A linguagem do autor e a linguagem do leitor”. Se, a exegese por meio da arqueologia, da filologia, da história, da língua e dos costumes, procura discernir qual a ideia do autor; “a hermenêutica, por meio do leitor, tenta trazer o passado para o presente e tornar o texto um vivo instrumento para a vida de quem o lê no hoje”. Inclusive, é o que de modo sinónimo nos propõe o autor a pouco supracitado: “O texto bíblico é mensagem de Deus para mim hoje. Por isso, a função da hermenêutica se encontra na prolongação da exegese, procurando compreender e proclamar o texto inspirado para mim aqui e agora” (TERRA, 1981, p.52). Portanto, o critério hermenêutico a ser adotado na execução exegetica “não deve ser nem o da negligência da “letra”, nem da negligência do “espírito”, mas a iluminação da “letra” pelo “espírito” (2 Cor 3,6)” (LARA, 2009, p. 32).

Do mesmo modo que não se deve perder a ciência exegetica no instrumento puramente e tão somente hermenêutico, também não se deve condicionar a exegese aos dogmas. Aliás, se o dogma constitui para a exegese um impedimento de encontro com a verdade sobre o texto, apliquemos a posposta perícopé:

Se os dogmas condicionam uma exegese “católica”, isto é, não parcial, inversamente o recurso contínuo e sempre renovado ao testemunho escriturístico deve impedir o dogma de tornar-se uma gnose estéril e permitir-lhes de ficar, conforme sua verdadeira função, instrumento na transmissão da palavra viva da revelação e da salvação (MARLÉ, 1973, p. 107).

No entanto, segundo o livro, Dogma e Anúncio, o dogma, de modo algum constitui antítese com a exegese. Aliás, nesta mesma obra está claro que “o que se deve exigir incondicionalmente de quem pretende anunciar a verdade objetiva é a veracidade. Afinal de contas, o que teria sido do cristianismo, se tantos papas, bispos e sacerdotes só tivessem anunciado aquela parte da realidade cristã que eles mesmos eram capazes de viver?” (RATZINGER, 2008, p. 58). “Não anunciamos a nós próprios, mas a Cristo Jesus como Senhor” (2 CORINTIOS, 4:5 Bíblia Sagrada)

É necessário entender que estas duas realidades nunca devem se contrapor, pois, ambas procuram pela mesma verdade, significando que todas as verdades sejam elas consequências da exegese, da hermenêutica ou do dogma e precisam ser veementemente compreendidas pela analogia da fé. De tal maneira que no livro, A Palavra Inspirada, o autor relata: “a Sagrada Escritura deve animar o estudo dos dogmas (*obectum fidei*), das conclusões teológicas (*ab eo consequuntur*) da controvérsia (*haereticorum commenta*), da teologia especulativa (*rationem*) e sistemática (*vincula*)” (SCHÖKEL, 1992, p. 223).

A exegese, não deve ser entendida como um movimento rebelde, cuja essência consista em dessacralizar a estrutura textual, mas ela tem uma história, possui anos de existência e perdura desde o Antigo Testamento.

Implicitamente, percebe-se e já se afirma que a raiz da exegese possui um cunho histórico e consequentemente credível. “A exegese judaica, por exemplo, encontrou seu apogeu na idade média, quando no século II D.C. por meio da exegese literal, que levou em conta o sentido do texto sagrado, sentido jurídico, religioso, histórico e moral, encontrou razão nos comentários jurídicos do Êxodo, do Levítico, dos Números e do Deuteronômio, como parafraseadamente assinala Bonsirven”.

Tamanha produção causada pelos judeus os fez gozar de grande liberdade na idade média. Isto fazia com que “eles não fossem perseguidos nem confinados em guetos e ao mesmo tempo dispunham de tempo para fazer florescer cada vez mais e melhor a exegese judaica do antigo testamento”. Segundo, Jean Steinmann, a exegese e a crítica judaica prosseguiram após a idade média e terminou tão somente com Espinosa que se libertou integralmente da sinagoga. E anterior a isto: “os grandes comentadores cristãos retomaram dos judeus a língua original da Bíblia e a maneira rabínica e literal de comentá-la” (STEINMANN, 1960, p. 26; 28).

Também de modo cristão, a ousadia no interpretar o sentido literal do texto, cresceu e muito. É digno de nota, em plena idade média, entre os anos 1125 a 1141, o

prólogo aos profetas de André de Saint-Victor, ao se dirigir para o seu estudante que se dedica as ciências bíblicas:

És escrupuloso e receias o perigo? Não tenhas a audácia de ensinar! Contenta-te em escutar. És indolente, sem nervos e suportas mal o trabalho? Descansa a estante e o estilete. Contenta-te em ler! Lembra-te, porém, de que o papel de um soldado não é fugir do perigo, nem o do exegeta temer os obstáculos (STEINMANN, 1960, p. 29).

Finalmente, há cerca de trinta anos na América Latina, tem-se desenvolvido o projeto da exegese canônica, cuja finalidade é: “ler para entender, celebrar e viver os textos particulares da Bíblia na sua totalidade. É o momento de fixar-se na unidade da Escritura, redescobrimo uma dimensão essencial da explicação que não está em contradição com o método histórico-crítico, mas que de um modo orgânico o desenvolve e lhe permite tornar-se autêntica teologia” (RATZINGER, 2007, p. 15), fazendo com que o exegeta teólogo por meio de uma séria analogia da fé junte as peças heterogêneas numa saliente homogeneidade sem retirar a originalidade histórica.

A exegese com todo o seu arcabouço cultural e histórico deve na atualidade ser considerada uma ciência, pois, existe um método, uma forma, uma consistência que lhe é peculiar. Entretanto, sua propagação ou transmissão exige um destinatário, este é o exegeta; a ele compete: Ser o facilitador, “o verdadeiro tradutor, outrora chamado targman, e o seu objeto de estudo targum, conforme nos é apresentado na obra à crítica em face da Bíblia” (STEINMANN, 1960, p. 20).

Desde épocas remotas, homens dedicaram-se a tentar decifrar, a partir do texto bíblico, o seu verdadeiro significado. Por exemplo, no início do cristianismo os primeiros expoentes são Orígenes e Jerônimo. O primeiro pautado numa exegese amplamente alegórica, considerada para o início da idade moderna uma ciência artificial, certamente como resposta ao literalismo trazido para o início do cristianismo pela exegese Judaica. O segundo, por sua vez, tomado por um amor incomensurável à verdade, propôs ao papa Dâmaso a possibilidade de uma revisão crítica da versão latina do Novo Testamento.

De modos distintos tem-se a inquietação de homens que queriam concretizar na igreja a verdade de que a Escritura é uma regra de fé da qual a comunidade não pode afastar-se, pois, Escritura e Igreja (comunidade) devem tender para um objetivo “ensinar a sábios e ignorantes” (SCHÖKEL, 1992, p. 225).

O exegeta é aquele que exerce uma função subordinada ao Magistério, pois a ele compete amadurecer o juízo interpretativo da Igreja no tocante as passagens bíblicas mais difíceis. E, portanto, ele é antes de tudo, servo da Palavra e jamais senhor Dela, cabendo-lhe a consciência de que a palavra foi preparada para os iletrados e pobres.

Em outras palavras, afirma-se que cabe ao exegeta, não somente a missão de interpretar fidedignamente a mensagem textual com suas limitações humanas inculcadas no texto, mas e, sobretudo, atualizar a doutrina escriturística mediante um maduro método teológico. E conseqüentemente, perceber que a exegese além do instrumental hermenêutico, requer uma teologia, para que analogamente as verdades de fé sejam declaradas, vividas e interpretadas de acordo com o juízo universal da Igreja, como apresenta, o decreto sobre a edição vulgata da Bíblia por Paulo III no concílio de Trento, que diz:

Para refrear certos talentos petulantes, estabelece que ninguém, confiando no próprio juízo, ouse interpretar a Sagrada Escritura, nas matérias de fé e de moral que pertencem ao edifício da doutrina cristã, distorcendo a Sagrada Escritura segundo seu próprio modo de pensar contrário ao sentido que a santa mãe Igreja, à qual competem julgar do verdadeiro sentido e da interpretação das Sagradas Escrituras, sustentou e sustenta. (HÜNERMANN, 2007, p. 397).

Conclui-se que o objeto de estudo ou o campo de trabalho do exegeta não é algo meramente morto, ou um aglomerado de vocábulos que foneticamente pronunciados formam palavras, senão, pela força da Inspiração Sagrada, o texto é um autêntico movimento interpelador, pois, não só falara a homens do pretérito como continua a falar para homens do presente e continuará a interpelar homens no futuro pela ação litúrgica. Em outras palavras, Schökel (1992, p. 227) propõe: “A Sagrada Escritura não só ensina como também atua sobre nós; não só nos ensina a agir como também nos leva a agir”.

Outrossim, o exegeta, estará indubitavelmente pronto para cumprir o seu papel de fazer o leitor perceber no texto sua harmoniosa sinfonia. Recai sobre ele a responsabilidade de detectar todas as partituras polifônicas e levar o homem a notar na obra, o autor.

É fato que no texto sagrado encontra-se muitos artifícios, como é o caso dos *provérbios* (SCHÖKEL, 1992, p. 199) que são literalmente impessoais, por fazer os narradores, ora afetarem distância, ora tomarem partido.

Todavia, há realmente a possibilidade de Deus interpelar o homem deste modo? O exegeta por saber que o texto bíblico é inspirado, deve partir do pressuposto de que Deus quer que o autor diga tais e tais coisas, pois Ele manifesta sua vontade soberana sobre o ser humano. Deve-se preservar na comunidade cristã o que sempre foi um habito entre os padres da igreja: “Que cada um considere que pela língua dos profetas, escute-se Deus falar conosco. Pois a Escritura é uma carta de Deus a sua criatura “. Assim pensavam os primeiros cristãos!

Mas como tem pensado hoje nossos mestres bíblicos? Como o texto bíblico tem sido entendido, atualizado, celebrado e vivido? Como deve ser abordado um tema bíblico?

Hoje, nossos mestres bíblicos, salvo exceção, tendem a interpretar o texto munidos por uma corrente ideológica. Há alguns que ao interpretar as escrituras não são capazes de tirá-las do seu contexto e atualizá-las, e outros que apressadamente atualizam o sentido da literatura sem entender a sua origem.

Em nossas comunidades o texto bíblico não ocupa o lugar que lhe é devido. Pois, o crescimento do devocionismo popular, a grande procura por um Jesus curandeiro e milagreiro, impede a comunidade de ser e viver o carisma do evangelho. Tais razões são capazes de atrofiar as celebrações litúrgicas, de impedir o crescimento do anúncio do evangelho e de demonstrar a caridade fraterna.

Um tema bíblico, a nosso ver, deve ser abordado das seguintes formas: a) É preciso descer ao contexto da literatura, isto é, ir na língua original em que a mesma foi escrita, tentar conhecer a cultura e os costumes da época e sondar a mentalidade cultural, religiosa e sócio-política da mesma. b) Faz-se necessário também, uma vez tendo conhecido o contexto da literatura, atualizar a mensagem que a mesma quer transmitir ao público ouvinte, e neste caso, é imprescindível o uso da teologia.

Certamente seria bom se toda a ciência exegético-bíblica fidedignamente levasse a termo as nobilíssimas palavras de Pesch: “Deus fala-nos de maneira imediata na Sagrada Escritura, na medida em que a Escritura é, em sentido próprio, palavra formal de Deus. Os hagiógrafos são mediadores entre nós e Deus; não como meio objetivo pela qual conhecemos a Deus, mas como meio subjetivo como boca de Deus, pela qual Deus nos fala” (SCHÖKEL, 1992, p. 200).

É fato que a Igreja nunca hesitou em afirmar, conforme dita o decreto de Pio X sobre a Inspiração e Inerrância da Sagrada Escritura que: “Se o exegeta quer dedicar-se com proveito aos estudos bíblicos, deve antes de tudo pôr de lado toda ideia

preconcebida a respeito da origem sobrenatural da Sagrada Escritura e não interpretá-la de outro modo que os outros documentos humanos” (HÜNERMANN, 2007, p. 738).

Mas, como administrar contemporaneamente este meio termo? Isto é, por um lado, ter clareza da sacralidade e santidade da Palavra de Deus contida nas Escrituras, e, por outro, pô-la a disposição dos irmãos que convivem conosco? De fato, o desafio continua atual!

Enfim o exegeta precisa saber que o seu objeto científico (texto bíblico), não é pré-existente a comunidade, veja como a posterior comunidade (*ecclesia*) por meio dos documentos: *Providentissimus Deus, Divino afflante spiritu, Dei Verbum*, incansavelmente convidou os doutos nesta ciência a no mundo bíblico adentrarem pelo labor crítico. Não como corpo estranho ou “monopólio subjetivo” (Pontifícia Comissão Bíblica. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 139), mas como membro vivo e constitutivo deste tesouro desconhecido; ajudando a Igreja a levantar o inventário desta riqueza sempre mais renovadora que é a Palavra de Deus. Pois, dado que “a exegese é a interpretação da Escritura, o verdadeiro exegeta não é somente um filólogo, um historiador; deve ser também um crente e um teólogo” (POTTERIE, 1995, p. 25-6).

3. Conclusão

O presente trabalho tentou mostrar como é cabível e possível demarcar uma profícua relação entre a exegese, o seu interprete (exegeta).

O numinoso mundo bíblico sempre fora na longa e extremada história da Igreja, fermento para a massa, sal para a comida, luz para iluminar o terreno baldio e escuro do coração humano. A Sagrada Escritura como aquela que além de tirar o velho Adão da sua mísera condição, o insere no plano revelador e sublime do Pai. Sim, as santas Letras também são pedagogas, pois no âmago da sua significação compõem como que um espelho, onde cotidianamente a Igreja é convidada a se olhar e se ver, porque do contrário cairá num absolutismo devorador.

De maneira relacionada tenta-se não apenas expor, senão associar de modo fundamentado e equilibrado estas duas realidades, (exegese – exegeta), afim de que, se entenda sempre mais o fundamento das mesmas na Igreja e no mundo.

Se porventura fundamentar-se bem a relação entre exegese e exegeta, poder-se-á responder a velha pergunta: Qual o espaço da Escritura na Igreja? Hoje, sem medo seria respondido: ilimitado! Pois, foi por Ela que os Padres do deserto fundamentaram suas

vidas, os Santos se apaixonaram por Cristo, as Virgens mantiveram-se intactas de coração, os Mártires deram totalmente a vida, e, conseqüentemente, a Igreja sempre por Ela caminhou, Nela sempre creditou, apostou porque a vê como um espelho.

Em suma, a visão unitária da Palavra de Deus, é possível a partir da compreensão da Revelação Divina sob a ótica da História da Salvação. E, se buscada com sincera e reta intenção pela exegese pode-se afirmar o que Ela realmente é “Palavra de Deus que produz efeito em vós” (Bíblia de JERUSALÉM, *Primeira Epistola aos Tessalonicenses*. p. 2061). Palavra esta que constitui uma espécie de “escada em que se pode subir e, com Cristo, também descer na profundidade do seu amor” (BENTO XVI, 2008, p. 10).

Portanto, se as Sagradas Escrituras são compreendidas à partir da ótica da revelação elas serão “Palavra de Deus que produz efeito para todos aqueles as lerem” parafraseando (Bíblia de JERUSALÉM, *Primeira Epistola aos Tessalonicenses*. p. 2061). Palavra esta que é um instrumento entre o Céu e a Terra, Deus e os Homens, através do verdadeiro e único mediador: Jesus Cristo

Referências

- ARENS, E. *A Bíblia sem Mitos*. ed. 3. São Paulo: Editora Paulus, 2007.
- BENTO XVI, *A Palavra de Deus é mais estável que toda a realidade humana*. L'osservatore Romano, 2008, p.10.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. *Segunda Carta aos Coríntios*. ed. 2. São Paulo: Paulus, 2000.
- Hermenêutica: In: BORN, A. V. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. ed. 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. p. 184 - 185
- DEI VERBUM. *Constituição Dogmática sobre a revelação divina*: Paulinas, 15ª edição, 2008
- Exegese: In: MONLOUBOU, L; BUIT, F. M. D. *Dicionário Bíblico Universal*. Rio de Janeiro: Vozes; Santuário, 1997. p. 272.
- Hermenêutica: In: BORN, A. V. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. ed. 2. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. p. 184 e 185.
- HÜNERMANN, D. *Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.
- LARA, V. L. *A Bíblia e o Desafio da Interpretação Sociológica*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARLÉ, R. *Hermenêutica e Catequese*. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação na Bíblia na Igreja*. ed. 7. São Paulo: Paulinas, 2006.
- POTTERIE, I. *La Sagrada Escritura y El Vaticano II*. Lima: Vida y Espiritualidad, 1995.
- RATZINGER, J. *Dogma e Anúncio*. ed. 2. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. *Jesus de Nazaré do Batismo no Jordão à Transfiguração*. ed. 3. São Paulo: Editora Planeta, 2007.

SCHÖKEL, L. A. *A Palavra Inspirada*. São Paulo: Loyola, 1992.

STEINMANN, J. *A Crítica em face da Bíblia*. São Paulo: Editora Flamboyant, 1960.

TERRA, J. E. M. *O Milagre*. São Paulo: Editora Loyola, 1981.